



## III ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

“A geografia presencial em retomada: diálogos e debates”  
09 a 13 de agosto de 2022 – Três Lagoas/MS

### **A GEOGRAFIA AGORA JÁ FAZ PARTE DE MIM: TRANSFORMAÇÃO DO CORPO, DA CORPORALIDADE E EXPRESSIVIDADES DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA**

João Pedro Turino Silva  
Patrícia Helena Milani

- ( X ) Resumo expandido
- ( ) Projeto de pesquisa
- ( ) Relato de experiência

#### **EIXO TEMÁTICO**

- ( ) Dinâmica Ambiental e Planejamento
- ( X ) Dinâmicas Territoriais na Cidade e no Campo
- ( ) Ensino de Geografia, Educação Ambiental e Práticas Pedagógicas

#### **1) INTRODUÇÃO (JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS)**

Este trabalho está ligado a uma pesquisa de mestrado em andamento que estuda o direito à (univer)cidade dos estudantes de Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas (CPTL-UFMS) e da Faculdade de Ciência e Tecnologia- Campus de Presidente Prudente (FCT/UNESP), que através de procedimentos metodológicos adiante especificados, revelou uma dimensão corporal desses estudantes, mostrando suas respectivas transformações ao longo do curso de graduação. Neste momento objetivamos analisar as mudanças corporais dos estudantes de Geografia do CPTL e por conseguinte a maior abrangência dos papéis exercidos pela universidade pública na formação dos jovens estudantes.

Partimos da hipótese de que a partir da inserção de alguns sujeitos sociais no curso de geografia há um intenso processo de formação não apenas do ponto de vista profissional, mas uma formação ampliada, dos sujeitos sociais posicionados na sociedade. Alguns passam por transformações mais ampliadas, mudanças na forma de ver e compreender muitos processos sociais e nas formas como se enxerga e se posiciona em relação àquilo que estuda social e espacialmente. Combinado a isso, alguns estudantes apresentam mudanças no sentido de assumir outras identidades que não tinham nitidez antes de iniciar o



### III ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

“A geografia presencial em retomada: diálogos e debates”

09 a 13 de agosto de 2022 – Três Lagoas/MS

curso. Sobretudo identidades ligadas a raça, gênero e sexualidade fora do padrão heteronormativo.

## 2) METODOLOGIA

Como mencionado na introdução desse resumo, esse texto é resultado de um desdobramento acerca de uma pesquisa que teve como procedimentos metodológicos: entrevistas, grupos focais e análise de dados quantitativos. Em tal pesquisa buscamos compreender o direito e a experiência de universidade, cidade e juventude dos estudantes de Geografia do CPTL-UFMS e da FCT/UNESP; a partir disso, as entrevistas e os grupos focais revelaram que o tema do corpo e sua transformação, a corporalidade e suas limitações/possibilidades compareceram muito nas falas e exposições desses estudantes, tanto no caso dos graduandos de Três Lagoas, quanto dos de Presidente Prudente.

As entrevistas seguiram as orientações de Kapp (2020), foram semiestruturadas, tendo um roteiro, mas com abertura maior, soando mais como uma conversa natural, na maior parte do tempo, houve também a consciência de que o entrevistador não é neutro, sendo o seu corpo e sua personalidade impactantes na forma como o entrevistado há de se sentir e se expressar, a presença do entrevistador promove ruídos, limitações e/ou potencialidades na conversa.

No caso, se tratava de um estudante de pós-graduação em Geografia (recém-formado) conversando com estudantes da graduação, logo, realidades próximas, temas familiares, fazendo com que as conversas tenham fluído bem e gerado incontáveis contribuições a pesquisa. Vale colocar que as entrevistas foram realizadas de forma online, via *Google Meet*, dada a situação vivida no ano de 2021, a pandemia do Covid-19 (quando elas foram realizadas). Os dois grupos focais realizados no ano de 2022, de forma presencial, foram baseados em Meinerz (2005) para quem a análise das informações é feita baseada na articulação entre a síntese do discurso produzido no grupo, o marco teórico em que se insere a investigação e a observação/intuição do pesquisador; trata-se da organização de um grupo de discussão que ao ser provocado por questões norteadoras, perguntas que fomentem o debate, promove um rico (des)encontro de vivências, opiniões e colocações sobre temas pertinentes a pesquisa. Um dos grupos focais foi organizado no CPTL-UFMS e o outro na FCT/UNESP.

Em conjunto com esses procedimentos, há também a observação, o contato diário (com os estudantes de Geografia do CPTL-UFMS), que quando experienciado pelo pesquisador (socioespacial no caso) passa a ser desnaturalizado (VELHO, 1980). Uma camisa com estampa do Programa de Educação Tutorial de Geografia (PET-GEOGRAFIA), novos cortes de cabelos, novas vestimentas, (des)uso de esmalte nas unhas e tantos outros elementos nos chamaram a atenção em alguns dos estudantes presentes na pesquisa, mas também no nosso dia a dia; alguns elementos que apareceram ao longo da graduação no corpo desses sujeitos, enquanto outros que desapareceram a medida que os anos do curso vão passando. Considerando que essas mudanças não equivalem apenas ao corpo físico, mas a posicionalidade social de cada estudante.

### 3) REFERENCIAL TEÓRICO

Do ponto de vista teórico, nos apoiamos para o desenvolvimento deste trabalho em pilares da chamada “geografia feminista” e dos estudos das culturas juvenis, esta que tem permitido problematizar em diversos casos, o corpo e as emoções. Por sua vez a geografia feminista, bastante pautada na obra de Henri Lefebvre, considera os corpos e as corporeidades daqueles que pesquisam e daqueles que são pesquisados. Os autores e autoras que compõem as duas vertentes abordam a dimensão corporal no processo de produção dos espaços; no caso deste estudo assumimos uma relação dialética em que o espaço da universidade também influencia na produção das identidades corporais dos estudantes de geografia pesquisados.

Segundo Ramos e Milani (2022) é na mundanidade do cotidiano que as corporeidades vão inegavelmente constituir a dimensão espacial. Afinal, é com o corpo e por meio dele na relação com o mundo e nas interações sociais que produzimos espaços, que os dotamos de sentido, dimensões e representações. Ao mesmo tempo em que produzimos espaços, podemos pensar que também somos produzidos/influenciados por eles?

Compreendemos que os espaços não são instâncias da realidade passíveis, mas também implicam a maneira como nos posicionamos no mundo ou somos classificados. Ainda que compondo diferentes linhas de pensamento, alguns estudos demonstram os silenciamentos na geografia acerca da discussão não apenas sobre o corpo, mas da corporalidade dos sujeitos sociais envolvidos nas pesquisas, dentre eles citamos Silva (2016), Baylina (1997) e Lindón (2012). Por outro lado, estas autoras e outros também mostram caminhos possíveis de serem percorridos para endossar esse debate. Segundo Lindón (2012) a partir da última década do século XX, esta tendência se fortalece com uma ênfase adicional, como a integração do corpo, da corporeidade e das emoções como dimensões construtivas do sujeito, nesse sentido destacamos os estudos de Foucault (1987).

Assim como Lindón (2012) consideramos que o corpo vem assumindo nos estudos geográficos maior presença como recurso de mediação, onde se articulam processos de sujeição e resistência, em nosso caso de pesquisa de normatização e transgressão, de controle, mas também de liberdade e de autorreconhecimento em relação ao convívio no espaço da universidade com outros sujeitos sociais. Nos termos de Lima (2014, p. 96) trata-se de uma evidência que condiciona o meu próprio reconhecimento como sujeito, porquanto a consciência do “eu” só tem sentido se contrastado com “você”, com “eles”, etc.

Quando buscamos alguns estudos acerca das juventudes, notamos a importância do corpo para o(a)s jovens e as culturas juvenis, que buscam no estilo, em acessórios e roupas, a construção de uma identidade, ao passo que esses símbolos são capturados pelo capital e transformados em mercadoria, há também uma faceta de construção do ser, da identidade por meio do consumo (ABRAMO, 1997; MARTINS E CARRANO, 2011; PAIS, 2006). Sabendo que o corpo com suas vestimentas, marcas e traços fortalecem a construção de uma identidade, é nas instituições de ensino como a escola, e no caso a universidade, que há a “identização” desses sujeitos, como dito por Meinerz (2005), à medida que vão lidando com coletivos, diferenças e semelhanças, frente à uma cultura



### III ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

“A geografia presencial em retomada: diálogos e debates”

09 a 13 de agosto de 2022 – Três Lagoas/MS

hegemônica, transterritorial, advinda dos centros do mundo capitalista, (HARVEY,2008;TURRA NETO,2008) vão buscando existir e resistir por meio da sua corporalidade, que grita: Não me conformo com o que está posto!

#### 4) RESULTADOS E DISCUSSÕES

O espaço da universidade, que não representa apenas o espaço físico, mas um espaço carregado de subjetividades, é para esses estudantes um espaço de rompimento (de modo sempre relativo) às múltiplas normatizações impostas socialmente, que se produzem por meio de mecanismos de regulação das sensações, emoções a acima de tudo das identidades (raça, gênero e sexualidade).

Assim ao longo da pesquisa vimos questões acerca de tal regulação ao passo que se evidenciam resistências a esses mecanismos. Em uma das entrevistas realizadas, quando indagado sobre o impacto do curso de Geografia em sua vida e em sua experiência de juventude, um estudante da FCT/UNESP do quarto ano de Geografia, com o nome fictício (sugerido por nós) de Prince exclamou: “A Geografia agora já faz parte de mim”. Conscientes de que as palavras carregam uma carga importante de conteúdo e podem revelar processos e escalas mais amplas; nesse curto excerto, se nota uma experiência de “juventude geográfica”, uma identificação que é também impactada pelo curso de Geografia em questão; afirmações como essa apareceram em todas as entrevistas. De forma mais extensa, um estudante do CPTL-UFMS, Domingos (nome fictício), de ... anos, do quarto ano de licenciatura em Geografia, ao ser questionado se enxergava a si mesmo como diferente de quando entrou, respondeu:

...Ah! O curso, ele abriu muito a minha mente já, eu era tipo assim de fazer as coisas, sabe? O que os outros vão falar? E tudo mais...e eu vi que tipo não existe uma verdade absoluta, ninguém é certo 100%, então eu me desconstruí muito apesar de ser Geografia, assim, me ajudou muito em questões da minha vida mesmo, como sexualidade, religião, me aceitar... Então agora me vejo uma pessoa totalmente diferente, entrei na faculdade de um jeito, era quieto na faculdade no primeiro semestre, só conversava um pouquinho, com quem eu conhecia, assim, eu tinha medo, agora não tô nem aí pra o que os outros vão falar, eu quero que se dane, então, tipo assim agora sou outra pessoa.

No trecho se nota o curso como chave na emancipação pessoal do sujeito, e não só no seu jeito de ser, mas na forma como compreende a si mesmo, sua corporalidade e expressividade. Aqui vale resgatar Milani e Lima (2020) que pontuam a dialética entre o corpo e o espaço que ocupa; a (re)produção do espaço advinda do próprio corpo. Será o espaço da universidade, das salas de aula e dos laboratórios da Geografia, instigadores de uma transformação profunda na forma de se expressar corporalmente?



### III ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGEO

*“A geografia presencial em retomada: diálogos e debates”*  
09 a 13 de agosto de 2022 – Três Lagoas/MS

Insistindo nessa questão, e se aproximando mais ainda do texto de Milani e Lima (2020), em um dos grupos focais, quando levantado um tema parecido com a questão das entrevistas, se interrogando sobre o impacto do curso de Geografia na vida, dos ali presentes, todos colocaram elementos importantes, alguns relacionados a rotina, novas amizades, novos projetos e horizontes, e uma das integrantes do grupo, buscou em sua trajetória a resposta da questão. Rosalina expôs um pouco da sua história de ingresso e permanência na graduação em Geografia no CPTL-UFMS, revelando uma relação abusiva com seu marido, que tentava impedir e atrapalhar os seus estudos.

Foi uma luta eu conseguir entrar porque o marido não aceitava eu estudar, eu fui boicotada um bom período da faculdade, só que aí, tipo, aquilo ali abriu minha visão, porque com a leitura, com a galera vendo o que acontecia comigo, tipo, eu fui abrindo a minha criticidade para falar: “Gente, não é normal a pessoa te tratar desse jeito e tal”, até que foi que gerou minha separação, porque eu comecei a ler muita coisa e não aceitar muita coisa, professores me chamavam para conversar “D\*\*\*, não tá certo isso aí que ele faz” ele vinha aqui (na universidade) de carro, dava cavalinho de pau lá na frente, ai gente, a minha vida foi meio que infernal dentro da faculdade, peguei DP de falta, não era nem de nota, e tipo assim, a geografia abriu minha mente, muita coisa que eu aceitei lá, hoje um simples comentário de uma pessoa eu já falo “ai, não é pra mim...” (Rosalina)

No mesmo grupo focal, e na mesma questão em debate, se viram reações de indignação à fala de Rosalina e pontuações de incentivo a ela e a conquista de sua liberdade; ainda, quando uma outra integrante do grupo foi expor acerca do impacto do curso em sua vida, elucidou que engravidou ainda no ensino médio e assim, exercendo a maternidade durante todos os anos de graduação; Monalisa demonstrou que o curso de Geografia e o PET-Geografia (o qual é integrante) demonstraram para ela que ela não era “apenas” mãe, mas também estudante, pesquisadora e em breve professora (outras falas e casos surgiram ao longo da investigação, mas que não caberiam nesse pequeno resumo).

Como os resultados desta pesquisa nos apontam para os múltiplos papéis da universidade da formação dos jovens, não apenas na formação profissional, acadêmica, mas na formação enquanto pessoas conscientes de suas posicionalidades no mundo em que vive, mesmo que isso represente uma série de novos desafios. Notamos por meio das análises das narrativas uma herança da Geografia Crítica, a formação de geógrafos com posicionamento crítico, exposto/denunciado em seus corpos, corporalidades e expressões.

## 5) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



### III ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

“A geografia presencial em retomada: diálogos e debates”

09 a 13 de agosto de 2022 – Três Lagoas/MS

ABRAMO, H.W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, nº 6, p.25-36,1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 17 ed. São Paulo: Edições Loyola. 2008.

KAPP, Silke, Entrevista na pesquisa sócioespacial. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 22, p. 1 – 32, 2020.

LIMA, E. L. **Encruzilhadas geográficas**: notas sobre a compreensão do sujeito na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

LINDÓN, A. Corporalidades, emociones y espacialidades: hacia un renovado betweeness. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 11, n. 33, p. 698-723, 2012.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação (UFSM)**, v. 36, p. 23-56, 2011.

MEINERZ,C.B. **Múltiplas Trajetórias Juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. 2005. 206f. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre - RS, 2005.

MILANI, Patricia Helena, LIMA, Bianca de Oliveira. A Geografia e a Violência de Gênero: Um Olhar a partir de Três Lagoas – MS. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 1, p. 77 97, 2020. ISSN 21772886.

PAIS, J.M. Busca de Si: Expressividades e Identidades Juvenis. In: ALMEIDA, M.I.M. De; EUGENIO, F. (orgs.). **Culturas Jovens**: Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006. p.7-21.

RAMOS, Élvis C. M.; MILANI, Patrícia H. O corpo fora de lugar: de uma geografia dos indivíduos para uma geografia dos sujeitos. In: **Revista GEOgraphia**, 24(52), 2022.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Corpo como espaço: um desafio à imaginação geográfica. IN: PIRES, Cláudia L. Z.; HEIDRICH, Álvaro L.; COSTA, Benhur P. da. (Orgs.). **Plurilocalidade dos sujeitos**: representações e ações no território. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2016.

TURRA NETO, N. **Múltiplas Trajetórias Juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. 2008. 533f. Tese de Doutorado - FCT-Unesp - Presidente Prudente - SP, 2008.

VELHO, G. Observando o Familiar. In: **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1980. p.123-132.